

CINEMA/CRÍTICA

Lobo mau

• Mesmo com uma trama acelerada, "O Lobisomem" empolga ao apostar em uma ambientação classuda de suspense e em um belo visual

FÁBIO FREIRE
Repórter

Não é fácil fazer um filme de terror nos dias de hoje. O gênero já se desgastou, as fórmulas e os clichês já estão estabelecidos, e o público está mais do que acostumado a imagens e sons que se tornaram banais quando se pensa na quantidade de produções com o objetivo de assustar. Se causar tremores e calafrios não é uma das tarefas mais fáceis em tempos da exposição visual de um "Jogos Mortais" ou dos sustos sonoros em ritmo de videoclipe de refilmagens de obras como "Halloween" e "O Massacre da Serra Elétrica", por exemplo, "O Lobisomem" segue outro caminho.

Bebendo diretamente na fonte de "Drácula de Bram Stoker" e "Frankenstein de Mary Shelly", duas releituras de obras clássicas do terror produzidas em tom sóbrio

nos anos 1990, o filme de Joe Johnston está mais preocupado em criar uma ambientação lúgubre e em fazer uso de um belo visual do que propriamente em causar horror ou contar uma história assustadora. Se essa opção pode afastar os fãs do gênero e decepcionar no quesito sustos e medo, por outro lado, torna o filme um interessante exercício estilístico e uma homenagem a uma visão mais clássica de um terror que ficou no passado, por meio de uma montagem menos picotada e movimentos de câmera mais tradicionais.

Postura clássica

"O Lobisomem" é um remake de uma produção homônima da década de 1940, sendo também um filme à moda antiga. Se a história, muito menos seu enfoque, não é nova, o longa se beneficia do clima estabelecido por Johnston e pelo seu apuro visual. Impecável no quesito técnico, "O Lobisomem" se beneficia de uma riqueza imagética e sonora que impressiona e é um ponto a favor.

Da pureza do som às imagens sombrias, da rica composição de planos e ângulos à ótima trilha sonora (cortesia de Danny Elfman, principal colaborador de Tim Burton), "O Lobisomem" é mais um

trabalho de apuro audiovisual do que propriamente um primor narrativo. Isso porque Joe Johnston ("O Parque dos Dinossauros 3") não tem o talento cinematográfico de um Francis Ford Coppola ("Drácula") ou a classe e requinte de Kenneth Branagh ("Frankenstein").

Mesmo assim, certas escolhas de Johnston acabam compensando os defeitos do filme. A opção de apostar mais na maquiagem do que nos efeitos de CGI (um tanto capenga em algumas cenas) se mostra correta, da mesma forma que a escolha de não evitar o "gore" (cabeças, braços e pernas são decapitados sem cerimônia e o sangue está sempre presente), funcionando como contraponto para a ambientação de época.

Mas, mesmo acertando no visual, Johnston peca no desenvolvimento da trama. A opção por acelerá-la da metade para o final prejudica o desenrolar de importantes conflitos: a relação entre pai (Anthony Hopkins) e filho (Benício Del Toro) é mal desenvolvida, e a paixão entre Del Toro e a mocinha (Emily Blunt, de "O Diabo Veste Prada") ganha pouco espaço, perdendo credibilidade.

Esse privilégio do visual em detrimento da trama põe em xeque o trabalho dos atores,

todos sem grandes chances de ir além do básico (quem se sai melhor é Hugo Weaving, das trilógicas "O Senhor dos Anéis" e "Matrix", que acerta no tom irônico do agente da polícia designado para investigar as terríveis mortes que rondam a mansão dos Talbot, família envolta em mistério e maldições) e demonstra a falta de preocupação do filme em se apegar a vários clichês (a mocinha indefesa que quer salvar o monstro, a cigana que sabe sobre a maldição etc.).

Mas, por mais que tenha defeitos evidentes, "O Lobisomem" é um passatempo divertido e empolgante. Pode não ter a mesma relevância estética do Drácula de Coppola, ou a tônica melodramática e operística do Frankenstein de Branagh, mas consegue ser um filme digno dentro de sua proposta de assumir uma postura mais clássica e adulta de terror. ■

MAIS INFORMAÇÕES

• "O LOBISOMEM" (The Wolfman, EUA, 2010). De Joe Johnston. Com Benício Del Toro, Anthony Hopkins. Confira salas e horários no Zoeira.



CONTE COM ELE PRA TUDO

O preço cai pela metade, pra dobrar o seu prazer.



Além de receber diariamente o jornal de melhor conteúdo do Ceará, o assinante do Diário do Nordeste ganha descontos e participa de promoções exclusivas em mais de 100 estabelecimentos em várias cidades do Estado. Com o Clube do Assinante do Diário do Nordeste você sempre ganha mais.

Faça parte desse clube. Ligue e assine: (85) 3265.9188 / (85) 3270.6168

Diário
do Nordeste

Aniversário do Sirigüella.

Corações a mil.

CHICLETE
de BANANA

AVIÕES
MONOBLOCO

27 de março
Marina Park Hotel



Vendas:
Lojas Zefirelli e
Loja do Sirigüella.

517
SIRIGÜELLA

NOVA
SCHIN

ZEFIRELLI

indaiá

Diário